

A PATOLOGIA DOCENTE E O CULTIVO DA ALMA: TRAJETOS DE VIDA E
IMAGINÁRIO DE PROFESSORES "READAPTADOS"JOSÉ APARECIDO CELORIO¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES²¹ Universidade Federal de Pelotas – polaris.astro@gmail.com² Universidade Federal de Pelotas – lp2709@gmail.com**1. INTRODUÇÃO**

O mal-estar docente, expressão cunhada por Esteve (1999), procura dar conta dos dramas vividos pelos professores sem que esses sejam explicitados ou mesmo revelados nas suas causas e nos seus efeitos. A ideia de mal-estar implica um sentimento e uma sensação de incômodo diante da escola, dos alunos e da atividade docente de modo geral, sem que seja possível localizar onde, de fato, está o problema. É um problema amplo, não localizado e que afeta, a cada dia, centenas de professores da rede de ensino, pública ou privada, básica ou superior. Ressalta-se que o mal-estar docente é uma face de um mal-estar coletivo, nascido no mesmo processo cujo sonho foi de uma sociedade sem dores, feliz, segura e produtora de riquezas e não excludente. Esse sonho, muito bem retratado por Aldous Huxley, no seu profético "Admirável Mundo Novo", passou a ser fonte de pesadelos e torturas, vividos por pessoas que, no afã para se ajustarem ao sistema perverso dos valores não morais que tornam a vida sem sentido ao espalharem ações que negam o outro e as suas diferenças, (riqueza a qualquer custo e por isso inconsequente, competição desenfreada em detrimento da existência do outro; esquecimento dos sentimentos perante o império racionalista, esterilização das imagens oníricas e dos devaneios e o conseqüente arrefecimento do sentido da vida), acabam por minar o cultivo de sua própria alma.

O cultivo da alma, grosso modo, é o próprio trabalho com as imagens que desvelam o que as pessoas sentem e pensam sobre si mesmas; é lidar com o mundo da interioridade e dos sonhos por meio da imaginação simbólica e criadora (DURAND, 1988). Na perspectiva dos estudos do Imaginário (DURAND, 1988, 2002, 2008; HILLMAN, 1984, 2010, 2013; JUNG, 1997, 2002a, 2002b, 2002c), a vida, sustentada apenas em bases de uma consciência heroica, pode ser recriada em bases de uma consciência poética, pois "o cultivo da alma também tem uma mística, o mistério da morte, que abarca o crescimento orgânico e emprega suas imagens no trabalho com alma" (HILLMAN, 2013, p. 201). Toma-se aqui a morte como metáfora, como caminho para a transcendência, como meio para se buscar o que de cada pessoa (os professores) ficou do outro lado do rio depois de a vida se distanciar do sentido daquilo que a palavra professor evoca.

Se for considerada a prevalência de uma lógica da normalidade - uma normose -(CREMA; WEIL, LELOUP, 2003) na escola e na universidade, toda e qualquer forma de adoecer será vista como "erro". Portanto, deve ser consertado! Afasta-se o "anormal" e acolhe-se o "normal". Afasta-se o que não "produz", acolhe-se o que "produz". O entendimento da alma como aquela parte de cada um que experiencia a vida, dá sentido às coisas e, portanto, é sede de uma interioridade multifacetada, a escola, na lógica da normalidade, ofusca a presença da alma, tornando o indivíduo cético de si mesmo. O adoecimento pode abrir uma brecha para a alma reivindicar seu espaço, procurando olhar para a docência na perspectiva da interioridade (alma). E, assim, possivelmente, desvelar outras percepções de si que podem surgir

no processo de adoecimento, que são instauradoras de outros sentidos que a escola tem. Considerando a afirmação de Hillman (1995) de que boa parte dos problemas que são levados para a psicoterapia se devem ao fato de o sentimento ter sido negligenciado pela escola, tem-se no adoecimento de docentes (e discentes) uma chave para compreender como a formação pode repercutir na construção da imagem de si.

Pode-se dizer, a partir dos estudos de Gilbert Durand (1988), que o desequilíbrio existente entre os regimes do imaginário (diurno e noturno) pode ser resultado de uma formação baseada na lógica da normalidade - normose - que silencia o diálogo entre os regimes, exaltando a ordem e o controle (diurno) e afastando a desordem e o caos (noturno). A partir disso, busca-se uma corporeidade perdida, considerando-a como pedaços de alma e de corpo que foram ignorados ou dilacerados pela própria formação que tiveram e pela desvalorização que a imagem docente vem tendo nas últimas décadas. Como interpretar essas partes feridas de si? Quais relações que elas têm com o adoecimento desses professores? De que forma esse processo – anterior e posterior ao adoecimento – repercute na construção da imagem de si?

A pesquisa é pautada nos estudos de três autores que participaram daquele que foi conhecido como Círculo de Eranos, evento que reunia pesquisadores de várias áreas do saber e, por isso, se configurou em um verdadeiro diálogo transdisciplinar. Os estudos de Gilbert Durand (1988, 2002, 2008) serão importantes para trabalhar com a ideia de que **a imaginação - simbólica - é equilibradora das perspectivas racionais e afetivas que constituem o ser humano**. Como a proposta dessa pesquisa é compreender de que maneira a autoimagem simbólica é construída no processo de adoecimento, a noção de imaginação simbólica permite buscar uma compreensão instauradora do processo de formação dessa autoimagem. Da psicologia desenvolvida por Carl Jung (Obras Completas, vls. XII, XIII e XIV, 2002), pretende-se **utilizar os estudos que ele desenvolveu sobre a alquimia, buscando, dessa forma, meios para compreender o construto simbólico das histórias de vida** e ultrapassar a visão dicotômica que se tem sobre aquilo que o ser humano constrói. Os estudos e as reflexões de James Hillman (1984, 2013, 2013) sobre as **imagens arquetípicas** serão fundamentais para essa pesquisa trabalho, sobretudo porque ele desenvolve a ideia de que

Patologizar é uma hermenêutica que leva os eventos até o significado. Apenas quando as coisas se despedaçam é que elas se abrem para novos significados; apenas quando um hábito diário torna-se sintomático, uma função natural torna-se uma aflição, ou quando o corpo físico aparece nos sonhos como uma imagem patologizada, um significado desponta" (HILLMAN, 2010, p. 231).

Como o termo mal-estar é amplo e abrange vários problemas vivenciados na escola e na universidade, optou-se pelo trabalho com professores da rede pública de Ensino da cidade de Maringá - PR que se encontram "readaptados" e não exercem mais a função docente. Ressalta-se que essas sete professoras possuem problemas de ordem física e psíquica e ainda estão sob tratamento médico; por isso, na impossibilidade de exercer a docência, foram transferidas para outros setores da escola, como secretaria e biblioteca. Tem-se, portanto, como objetivo geral, compreender o processo de construção da autoimagem simbólica a partir do adoecimento dessas professoras e de como essa autoimagem pode re-significar a vida de cada uma delas.

2. METODOLOGIA

Partindo da escrita (auto)biográfica, alicerçado nos estudos do imaginário, procura-se compreender os sujeitos que estão por trás dessas estruturas normóticas anteriormente discutidas. Por meio da abordagem (auto)biográfica “[...] faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído.” (NÓVOA, 2007, p. 18). Da mesma forma que “[...] o indivíduo é reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, conhecemos o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual” (FERRAROTTI *apud* NOVOA, 2007, p. 18), o imaginário individual “[...] se inscreve e se apoia num imaginário coletivo que o nutre e que, por sua vez, é renovado pelas obras individuais” (WUNENBURGER *apud* SANCHEZ TEIXEIRA, 2000, p. 19).

A escrita (auto)biográfica, como uma “hermenêutica da prática” (DELORY-MOMBERGER, 2008) não é escrita a partir de fatos brutos, como se representasse exatamente a realidade percebida pelos sujeitos. Essa escrita é sempre permeada de interpretação, por isso pode se configurar também como uma atividade hermesiana, mantendo em diálogo os vários sentidos atribuídos a um mundo povoado de diferenças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como passo inicial para a pesquisa, com a autorização do Núcleo Regional de Educação, da direção da escola e do aceite dos professores participantes, um primeiro encontro foi realizado com três professoras. O diálogo foi gravado e no primeiro encontro foi iniciado com a seguinte questão: como você se sente no processo de readaptação? Para finalizar o encontro, foi solicitado a cada uma das professoras que fizesse um desenho que retratasse o processo de readaptação. É importante destacar que dentre as três professoras, uma tem problemas de ordem psíquico-afetiva – depressão e transtorno do pânico – e duas, problemas de ordem osteoarticulares. Inicialmente, levantou-se a suspeita de que pessoas com certos “distúrbios psíquicos”, como depressão e transtorno do pânico, seriam mais sensíveis aos problemas escolares, tendo, portanto, uma visão mais ampla da situação em que estão inseridas do que os demais colegas. Além disso, teriam fortes aproximações com os atos de cuidado do outro. A primeira professora se aproximou muito das suspeitas iniciais do pesquisador e o encontro, diferente dos outros dois, durou cerca de 2 horas. No encontro com a segunda professora, notou-se uma fala que se aproximava muito da fala de alguns gestores escolares, afirmando que muitos professores readaptados querem mesmo é “se encostar na lei para não trabalhar”. Sabe-se de casos assim, mas, de um modo geral, também é importante questionar por que há professores que preferem “não trabalhar” e permanecer em outra função diferente daquela para a qual se formaram. A fala da terceira professora foi reveladora de uma situação incômoda em que os professores readaptados se veem colocados. Revela que os cursos de capacitação organizados pela Secretaria Estadual de Educação não destinam atividades específicas para professores “readaptados”, como existem para os demais professores. Cria-se, portanto, momentos de uma crise de identidade, pois ora são e ora não são professoras, ora são e ora não secretárias; enfim, o que são? Em qual curso suas

funções se enquadram? Por esse tipo de dilema muitos colegas passam quando estão em fase de capacitação ou mesmo quando vão preencher um formulário e o mesmo solicita informar a função. Qual função? Professor, bibliotecário ou auxiliar de secretaria? De fato, uma cena que traz angústia e sofrimento.

4. CONCLUSÕES

Considera-se que esta pesquisa seja de fundamental importância para a área de educação em função do tema que envolve, direta e indiretamente, todos os trabalhadores da educação. Enquanto muitas pesquisas permitem localizar os fatores externos que geram o adoecimento, procura-se, a partir das imagens construídas por esses professores, mostrar o sentido simbólico da docência a partir do adoecimento. Ressalta-se que a pesquisa não tem nenhum caráter terapêutico no sentido de buscar a "cura" desses professores por meio da escrita (auto)biográfica re-criada pela imaginação simbólica. No entanto, admite-se que esse trabalho tem alguns desdobramentos que ajudarão os participantes a criar uma nova perspectiva de si, do ser-docente e das escolhas que têm feito no decorrer de sua vida formativa e (auto)formativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CREMA, Roberto; LELOUP, Jean-Yves; WEIL, Pierre. **Normose**. A patologia da normalidade. Campinas: Verus, 2003.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN, São Paulo: PAULUS, 2008.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Introdução à arquetipologia geral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURAND, Gilbert. **Ciência do homem e tradição**. O novo espírito antropológico. São Paulo: TRIOM, 2008.
- ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente**. A sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1999.
- HILLMAN, James. **O mito da análise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HILLMAN, James. A função sentimento. In: FRANZ, Marie-loiuse von; HILLMAN, James. **A tipologia de jung**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- HILLMAN, James. **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HILLMAN, James. **O sonho e mundo das trevas**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Vozes, 2002. (v. XII das Obras Completas).
- JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. Petrópolis: Vozes, 2002 (v. XIII das Obras Completas).
- JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis**. Petrópolis: Vozes, 2002 (vol. XIV das Obras Completas).
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____ (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 11-30.
- SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília. **Discurso pedagógico, mito e ideologia**. O imaginário de Paulo Freire e Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.